



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

FACULDADE FEDERAL DE ALFENAS — UNIFAL — MG

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 714. Alfenas/MG. CEP: 37130-000

Fone: (35) 3299-1000. Fax: 3299-1063



**Discente:** Camila Custódio Galbiatti

**Disciplina:** Fonética e Fonologia

**Local de publicação:** Letras para todos

### **Um objeto invisível: palavras podem esconder vogais?**

No cotidiano da sala de aula, é possível que você, professor, já tenha se deparado com reflexos da fala na escrita dos alunos, especialmente nos textos daqueles que estão em fase de aquisição de linguagem escrita. Não raramente, verifica-se, por exemplo, “pineu” em vez de “pneu”, ou “obiserva” em vez de “observa”, uma vez que falantes que ainda desconhecem normas gramaticais podem optar por registrar por escrito as formas de realização oral das palavras. Faça o teste! Diga “pneu” em voz alta. Provavelmente, você também inseriu um “i” entre os sons [p] e [n]<sup>1</sup>, né? A diferença é que você conhece a forma padrão da grafia dessa palavra, então a vogal “intrusa” não aparecerá em seus textos escritos. No entanto, se um falante registra essa vogal na escrita, como podemos corrigi-lo? Será que basta marcar a questão como incorreta e anotar a grafia ideal ao lado do erro?

Primeiro, é interessante conhecer o fenômeno por trás da inserção dessa vogal, tendo em vista que esses eventos não são arbitrários. Para isso, vale a pena ter em mente que, dentro das sílabas, os sons ocupam posições específicas, as quais, por sua vez, recebem denominações diferentes. Em “professor”, por exemplo, observamos a ocorrência de três sílabas gramaticais: pro-fes-sor. Em termos fonológicos, os sons [p] e [r]<sup>2</sup> estão na posição de ataque silábico, ou seja, no início da sílaba. O ataque pode ser simples (com uma consoante) ou complexo (com mais de uma consoante). Na primeira sílaba de “professor”, portanto, observamos a ocorrência

---

<sup>1</sup> Cumpre esclarecer que, ao longo do texto, analisaremos principalmente a ocorrência de sons, e de não letras. Essa distinção entre sons e letras é imprescindível quando abordamos assuntos relacionados à fonética e à fonologia. Quando estivermos nos referindo a sons, eles aparecerão entre colchetes; se forem letras, serão grafadas sem colchetes.

<sup>2</sup> O símbolo refere-se à consoante que produzimos ao pronunciar o som representado pela letra -r nesse contexto silábico.

de um ataque complexo. Além do ataque, há mais duas denominações importantes, sendo uma delas indispensável: o **núcleo**, cuja ocorrência é obrigatória nas sílabas, e a coda. O núcleo corresponde à vogal que deve, necessariamente, estar presente na sílaba (em português brasileiro, não há sílaba sem vogal). A coda, por sua vez, é uma estrutura não muito desejada pelas sílabas: diz respeito à consoante final, que vem após a vogal (ou seja, após o núcleo). Portanto, retomando nosso exemplo inicial, temos, em “professor”, um ataque complexo em “pr”, um ataque simples em “fe” e uma sílaba com ataque simples e coda em “sor”, além do núcleo, que está presente nas três sílabas.

Mas como isso se relaciona com o assunto inicial, isto é, o surgimento de um [i] em “pneu”? Agora que conhecemos um pouco mais sobre a estrutura da sílaba, podemos analisar essa questão de forma mais detalhada. A segunda posição do ataque — ou seja, a segunda consoante no início de uma sílaba — não pode ser ocupada por qualquer som. Alguns encontros consonantais não são admitidos no português brasileiro. É aí que mora a questão: [n] é um dos sons não admitidos na segunda posição de um ataque complexo. Para resolver esse problema, nós, falantes, inserimos um [i] entre as consoantes iniciais, desfazendo o ataque complexo e transformando-o em ataque simples. Esse fenômeno recebe o nome de **epêntese** (o som [i], quando inserido nesse contexto, corresponde a uma **vogal epentética**). O mesmo processo acontece em “observo”, “opção”, “psicólogo”, entre outros. Portanto, a inserção de uma vogal para desfazer um ataque não desejado pela sílaba é, na verdade, um processo muito natural.

Com os exemplos anteriores, vimos que a adequação para desfazer uma estrutura silábica complexa é um processo adotado na fala. Todavia, a ortografia não registra, por escrito, a ocorrência do [i]. Portanto, é necessário que os falantes compreendam as distinções existentes entre a oralidade e o registro formal escrito de sua língua. Seu aluno não sabe (nem precisa saber) as nomenclaturas e fenômenos por trás de questões como essa, mas é importante que você, professor, adquira esse conhecimento para buscar estratégias de alfabetização.

Vale mencionar que jamais se deve constranger um aluno por reproduzir, na escrita, um processo natural em nossa fala. Por outro lado, deve-se, sim, adotar meios para demonstrar as diferenças existentes entre a oralidade e a escrita, introduzindo essa questão de forma lúdica, quando possível, e palpável para os alunos, sempre considerando sua faixa etária. Não se trata de induzir o aluno a pensar que a escrita será sempre diferente de sua fala, pois essa percepção pode acarretar, por exemplo, futuras hipercorreções (é possível que a seguinte ideia seja semeada: “se falo ‘bejo’, mas escrevo ‘beijo’, então a grafia correta de ‘bandeja’ deve ser ‘bandeija’, já que a escrita será sempre diferente de minha fala”). O ideal, portanto, é tomar

cuidado com essas distinções, expondo e discutindo as diferenças de maneira adequada. O conhecimento fonológico pode auxiliar o professor a compreender diversos fenômenos presentes nos textos escritos e na fala de seus alunos, o que contribuirá para a realização de atividades adequadas e um ensino que seja, de fato, significativo e reflexivo.